

ATÉ AMANHÃ, MÁRIO / 1993

um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / **Argumento e Diálogos:** Solveig Nordlund e Tommy Karlmark, baseado num conto de Grete Roulund / **Colaboração Literária:** Edgar Gonçalves Preto / **Assistente de Realização:** Miguel Cardoso / **2º Assistente de Realização:** Teresa Jardim / **Directora de Fotografia:** Lisa Hagstrand / **Assistente de Câmara:** Octávio Espírito Santo / **2º Assistente de Câmara:** João Tiago / **Director de Som:** Carlos Alberto Lopes / **Assistente de Som:** José Gambôa / **Música Original:** José Mário Branco / **Decoradora:** Margarida Miguel / **Guarda Roupa:** Raul Pestana / **Montadora:** Solveig Nordlund / **Montador de Som:** Pedro Caldas / **Assistente de Montagem:** João Pedro Rodrigues / **Intérpretes:** João Silva (Mário), Victor Norte (Carlos), Conceição Pereira (prostituta), Paulo César Barros (Marcelo), José Cândido Andreda (Ramalho), Helder Abreu (João), Wiveka Albuquerque (guia turística), Mariana Sebastião (Papelota), Figueira Gil (porteiro do museu), Roberto Costa (empregado de mesa), Canto e Castro (padre), António Ascensão (polícia), Dieter Clarius (cliente do hotel), Miguel Guilherme (criado da esplanada), Lídia Bernardes (Mãe), Eduardo Luís (médico).

Director de Produção: Henrique Espírito Santo, para a Prole Film e Torromfilm / **Chefe de Produção:** Sílvia Rocha / **Assistentes de Produção:** Mavélia da Guia, Birgitta Eflstrom e Bruno Santos / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, 76 minutos / **Ante-Estreia** na Cinemateca Portuguesa em 12 de Janeiro de 1994 / **Estreia:** Quarteto (Lisboa), D. João (Funchal), em 14 de Janeiro de 1994.

Foi preciso vir alguém da Suécia para que o cinema português encontrasse um olhar mais limpo e escorreito, mais sincero e, apetece dizer, mais "puro" sobre a ilha da Madeira. E isto acontece porque a realizadora se coloca, decididamente, do lado de "dentro". Mesmo que por vezes o filme denuncie algumas ingenuidades no tratamento de personagens, há nele uma aproximação e uma compreensão inteiramente inéditas no cinema. Há uma cena extremamente sugestiva no que se refere à "diferença" de olhar, a tal perspectiva do interior para o exterior e que é aquela em que Mário e os seus amigos se dedicam ao mergulho para apanhar as moedas dos turistas. Trata-se de uma imagem que tem aparecido com frequência numa série de documentários, e que mostram as sempiternas imagens da chegada dos turistas, o lançamento das moedas e o mergulho das crianças, sempre vistas do lado "de fora", isto é, do turista que se diverte, possivelmente sem consciência disso, com a necessidade dos outros. Ao colocar-se do "outro" lado **Até Amanhã Mário** mostra o que está por detrás daquele "desporto" e/ou "entretenimento": a necessidade. E deste modo projecta-se também um olhar de uma certa compreensão sobre os estratagemas e truques que o grupo de garotos utiliza para "explorar" os turistas que chegam à ilha. Mais: neste ponto o filme toca também, de forma sensível o "comércio" sexual que alguns adultos procuram com crianças, sem qualquer sensacionalismo nem explorar dubiamente a situação. A câmara evita pudicamente ir mais "além", mas o que fica não deixa de ser sugestivo.

Solveig Nordlund que começou a trabalhar no cinema em Portugal como assistente de Seixas Santos, e passou pelo cinema militante no período imediatamente a seguir ao 25 de Abril, como membro da Cooperativa Grupo Zero, colaborando nalguns dos melhores documentários que se fizeram sobre este período revolucionário: **A Luta do Povo** e **A Lei da Terra**, colaborando em seguida na realização de médias-metragens, estreou-se na longa-metragem de ficção em 1980, o ano que se pode dizer representar uma "viragem" no cinema português, que abandona o cinema militante para esboçar um regresso à ficção mais convencional. Foi o ano de **Manhã Submersa** de Lauro António e **Cerromaior** de Luis Filipe Rocha, entre outros, filmes simbólicos dessa "mudança", a que se junta **Dina e Django** de Solveig Nordlund. Este último é aquele que à distância se revela mais sugestivo e "produtivo". Não que seja melhor. **Dina e Django** padecia de um tratamento desequilibrado que afectava a narrativa, mas tinha uma "ideia" mais concreta que a de qualquer outro filme: a forma de mostrar a adolescência (o argumento inspirava-se num "fait-divers" real em que um jovem par de namorados matara um motorista de táxi por uma ninharia) que acabaria por tornar o filme um precursor de obras da geração seguinte (**Nuvem**, de Ana Luisa Guimarães, por exemplo). Esse olhar atento, púdico e compreensivo sobre a adolescência passa inteirinho para este **Até Amanhã, Mário**. Desde **Aniki Bóbó** que a infância não tinha um retrato tão pertinente e penetrante, tão sensível e compreensivo, como em **Até Amanhã, Mário**, mesmo que a perspectiva seja diferente nos dois filmes. Aliás, este olhar introduz uma nova "diferença" no cinema português de que **Adeus Pai**, de Luís Filipe Rocha talvez seja já um eco. Solveig Nordlund mostra-se nestas obras especialmente vocacionada para os problemas da infância, como o seu filme sobre crianças abandonadas em Moçambique (**Comédia Infantil**) confirmou. Do seu saber **Até Amanhã, Mário** é também testemunha num campo particularmente vulnerável do cinema português: a direcção de actores. Todos os que passam por este filme surgem com o perfil exacto para o papel que têm e todos reagem com a maior naturalidade. O caso dos garotos é particularmente notável mas, no fim de contas, dirigir crianças não parece ser particularmente difícil desde que se saiba convencê-las do "jogo", tanto mais que no caso de **Até Amanhã, Mário** as experiências pessoais dos jovens intérpretes não estão longe das que experimentam as suas personagens. As crianças têm dado sempre, entre nós, os "melhores" actores "instintivos" (recorde-se **Aniki-Bobó** e **Manhã Submersa**, por exemplo). Já mais difícil é, num filme português, fazer os adultos terem a mesma espontaneidade e "realismo". E Solveig Nordlund consegue essa proeza. Todo o elenco, dos principais como Victor Norte (excelente) aos simples secundários (turistas e prostitutas) surgem sem afectações, naturais e autênticos.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico